

ASSIGNATURA

Anno \$8.
Semestre 5.
Trimestre 3.
Folha avulsa 25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

TA-SSI-YANG-KUO

國 洋 西 大

Semanario Macaense d'interesses publicos locais, litterario e noticioso.

ANNUNCIOS

PARA OS SUBSCRITORES,
Não excedendo de 20 linhas, .. \$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITORES,
Não excedendo de 10 linhas, .. \$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

1.º ANNO

QUINTA-FEIRA 22 DE SETEMBRO DE 1864.

No. 51

MACAU, 21 DE SETEMBRO

Devendo completar-se o primeiro anno deste jornal com o proximo seguinte numero, pede-se aos srs. assignantes que se dignem prevenir esta redacção, quando acaso não queiram continuar a sua assignatura, na corteza de que na falta do aviso, o jornal continuará a ser-lhes remettido.

RECEBEMOS diferentes jornaes de Lisboa e do Porto, pelos quaes vemos que os nossos collegas da imprensa do reino accederam com a melhor vontade ao nosso convite de auxiliar-nos na cruzada, em que estamos militando de promover o melhoramento desta colonia, em que está empenhado tambem o desenvolvimento e utilidade do nosso commercio em geral.

Cumpre-nos, pois, agradecer aos nossos collegas, não só pela promptidão com que satisfizeram aos nossos justos desejos, mas ainda pela sua delicadeza e deferencia para connosco, e pelo modo lições por que transcreveram diversos dos nossos artigos, prodigalizando-nos elogios que nos honram muito, e que por isso os temos em muita consideração.

Pelo que respeita ao importantissimo assumpto da *companhia de navios*, para cuja organização em Macau fizemos muitos esforços, é realmente pena que ella se não tivesse podido levar a effeito nesta terra, pois que seriam indubitavelmente certos os grandes interesses que este pensamento havia de trazer aos associados, como por vezes demonstramos, tanto em nossos repetidos artigos sobre o assumpto, como pelos diferentes mappaes que publicamos dos muitos e importantes fretamentos, que continuamente se fazem por estas paragens.

Mas o que obsta á realisação de empresas em Macau, é a circumstancia de haver apenas nesta terra meia duzia de homens pelo muito, que se acham habilitados com capitães para commerciar, e esses estão occupados de suas propectas especulações, e não podem por isso alcançar a novos emprehendimentos, pois que estes os desligariam de um ou outro negocio a que estão habituados, e em que encontram o interesse certo tambem.

No entanto se tivessse havido a verdadeira iniciativa da parte competente, os bons negociantes chinas, os quaes acceitam sempre de boa vontade convites para negocios desta ordem, teriam concorrido a esta empresa, porque elles mesmos conhecem os interesses que della se poderiam auferir.

Alem deste alvitre, outros tambem uteis temos aventado por diferentes vezes, que do mesmo modo não tem sido bem succedidos, talvez mesmo porque alguém, possuido de ideias retrogradadas, ha espalhado entre os chinas o germen da desanimação para as tentativas de in-

novações, que são aconselhadas pelo progresso e pela civilisação.

Sendo assim, lamentamos mais uma vez que haja quem de um modo tão inusitado, pretenda embaraçar a realisação de um ou outro melhoramento, em que estamos empenhados para bem desta colonia.

No LOGAR proprio publicamos uma correspondencia que recebemos do Rvdmo. Pe. M. L. de Gouvea, reitor do *Seminario Diocesano* relativamente ao que no nosso numero passado dissemos da escola dos pilotos d'esta cidade.

Tendo-se publicado oficialmente o resultado dos exames no fim do primeiro anno lectivo da referida escola, diligenciamos saber a causa pela qual só seis discipulos tinham aproveitado dos vinte e um que se matricularam.

As informações que obtivemos então, serviram de base para o nosso artigo do dia 15 do corrente, e a explicação que hoje nos dá o reitor do seminário, a qual muito agradecemos, nos faz ver melhor a verdade de tudo.

Permitta-nos, porem, n'esta occasião, o Rvdmo. reitor, que lhe digamos que nos custa a admittir como corollarios que haja estudantes que por não quererem frequentar o segundo anno do curso de pilotos, para o qual serve de habilitação o exame do primeiro anno, não quizessem dar-se ao trabalho d'este exame que não aproveita só aos pilotos, e que, por não quererem os alumnos seguir a vida do mar, é que não se fizeram mais exames. Ainda que o primeiro anno sirva de preparo para o segundo, não ha duvida alguma que n'elle se ensinam materias que todos precisam saber, embora não queiram ser nauticos, e mesmo porque não nos consta que o Seminario tenha montada outra aula onde se ensine a arithmetica, algebra e geometria como na que é regida pelo Sr. Marqués.

D'aqui concluimos nós tambem que aquelle que, estudando o primeiro anno, pôde chegar ao exame, não se esquivará de o fazer, pelo facto de não ser piloto, visto que este acto não é obrigatorio para esse mesmo individuo ter de se matricular no segundo anno do curso.

Sabemos tambem que em geral ha pouca vontade de seguir hoje a vida do mar, e não é difficil de conhecer as causas d'isto, mas parece-nos que se se procurasse guiar para esta carreira alguns ou todos os orfãos que se acham, a expensas das subscrições do publico, no Seminario, se conseguiria tirar d'ahi jovens que mais tarde seriam o florescimento da escola. Já ha tempos aventamos estas mesmas ideias, que ainda hoje nos preocupam.

Voltando porem ao que escrevemos sobre a escola quando se publicaram os

resultados do exame do seu primeiro anno, é claro que nos devia surprender a extraordinaria desproporção que encontramos nas approvações, sendo a maior parte dos estudantes matriculados os do seminario que estão sujeitos ao regimen interno, e que se podem applicar mais que os de fora, visto que vigiados, não podem esquecer-se de si, nem do tempo, distrahindo-se de seus estudos. As explicações que sobre isto nos deram pessoas que julgamos serias e habilitadas, foi, que os alumnos internos, sendo sobrecarregados com diferentes aulas e rezas, não podiam igualmente applicar-se a tudo.

Hoje, vendo o *horario* do seminario; e competentemente informados sobre o caso, pelo Rvdmo. reitor, sabemos que a principal causa do não aproveitamento de alguns dos alumnos foi a de não estarem estes estudantes internos habilitados, com os conhecimentos necessarios da lingua portugueza e operações fundamentaes da arithmetica, para bem comprehenderem o que se lhes ia ensinar. São os preparatorios, exigidos por exame, uma necessidade, e se deste exame são dispensados os alumnos internos do seminario, é obvio que a despesa é só do acto do exame, e que se subentende que todos os que alli forem enviados, pelo Rvdmo. reitor, a quem compete conhecer as forças dos alumnos que dirige, devem estar habilitados a comprehender e a estudar os elementos superiores.

Lamentamos pois que, para fazer callar a voz d'aquelles que injustamente accusaram os padres de impedirem a matricula na aula de pilotagem (accusação que ignoravamos mas que o Rvdmo. reitor nos affirma ter-se feito), se levassem ali jovens, que perderam o tempo não aproveitando o ensino, só com o fim de augmentar o numero dos matriculados. Quer-nos parecer que havendo n'uma escola poucos alumnos, aproveitando-se todos é melhor resultado do que apresentar um subido numero de matriculados, com um mediocre resultado. E a prova ali fica patente e clara.

Antes de concluirmos diremos em abono da verdade, que ainda mesmo para alumnos que não se destinam ao estado ecclesiastico, não nos parece extraordinario o tempo que o *horario* marca para as praticas religiosas e que devem estas sempre fazer parte da educação da mocidade, educação a favor da qual sempre nos temos declarado, como não podiamos deixar de fazer.

Concluindo diremos que nos assiste a esperanza de que o Rvdmo. reitor, reconhecendo que só podem aproveitar estudos superiores os que tem os rudimentos primarios, condição *sine qua* o adiantamento é impossivel, obstará que de futuro frequentem a aula os que não estejam habilitados; e que zeloso e cheio de boa

vontade pelos jovens entregues ao seu cuidado, o que é para nós convicção, não se descuidará de vigiar pelo bom emprego do tempo, e exacta observancia do *horario*, evitando, mesmo no mez de maio, que as ladainhas e cantorias sejam á hora das aulas e dos estudos, o que obriga o estudante a sair da explicação do seu professor, como ainda pessoa seria nos diz ter mais d'uma vez acontecido.

NOTICIAS DIVERSAS.

Melhoramentos.—As grandes arvores, que antes de chegar á porta do campo, interceptavam o caminho publico, foram cortadas. A rua ficou mais clara e larga, e logo que fique melhorado o piso, e rasgada a porta do campo, sem duvida que este logar fica muito mais agradável e bonito. A fonte á direita, n'uma vala, conhecida pelo nome de cano real, vai ser transferida para logar mais apropriado, onde já se está fazendo o poço, o qual deve ter um tanque para receber a agua, tirada por uma bomba, para o serviço publico. A vala, ou cano real, vai tambem ser tapada; medidas estas que ha muito tempo se reclamavam.

Incendio.—Na tarde do dia 16 do corrente pegou fogo n'uma das barraças que existem dentro da horta de Francisco Volland; os promptos socorros da estação de policia, na porta do campo, fizeram com que o incendio não progredisse, apagando-se logo.

Estatistica commercial.—Pelo mappa da importação e exportação de Macau, no mez de agosto ultimo, em navios de alto bordo, publicado no *Boletim do Governo*, se encontra no referido mez o valor da importação e exportação de \$714.750.

Fretes para Lisboa e Africa.—O commandante da barca do estado *Martinho de Mello* annunciou para Lisboa e portos da sua escala, os seguintes fretes. Arroz, a 920 rs. por pico; pimenta, a 1200 rs. por pico; sagú a 1000 rs. por pico; chá a 25000 rs. por tonelada de 50 pés cubicos, e os mais generos e fazendas a 20.000 rs. pela mesma tonelada.

Estes fretes devem ser pagos no porto do desembarque em moeda corrente na metropole, como se ali fossem cobrados.

Grande galla.—Annuncia o *Boletim* de segunda-feira, o festejo que se deve fazer no dia 28 do corrente, anniversario natalicio do principe real D. Carlos.

Occurrencias policiaes.—Desde 14 até 20 do corrente, foram presos 8 chinas de ambos os sexos, por diferentes furtos e ferimentos, bem como dois inglezes por desordens, e remettidos todos ás autoridades competentes.

Appareceram tres cadaveres do chinas em varios pontos da cidade, e foram sepultados pelos respectivos *cabecas da rua*. Foram apanhados cinco cães vadios, e remettidos para a Taipa.

Suicidio.—Ás 9 horas da noite do dia 17 deu entrada no hospital da miseriórdia uma mulher china, que se havia envenenado com opio, e falleceu no dia 18 pela manhã.

Desordem grave.—Pelos jornaes de Hongkong, e por noticias trazidas por pessoas vindas d'ali para Macau, nos ultimos dias da semana passada, sobremos da inqualificavel desordem, ou antes horrivel pejeia, havida entre marinheiros e soldados indios da policia. A historia d'este lamentavel acontecimento tem a sua origem em um facto, que convem saber-se, posto que nada justifique.

Ha actualmente em Hongkong perto de trescentos marinheiros, ingleses pela maior parte, que não tem emprego nos navios mercantes, e a razão é, porque os capitães não podem ou não querem aturar as suas exigencias, a par do mau serviço que fazem, enquanto que os malaios, tanto pela sujeição como pela modicidade da paga, lhes convem muito mais: d'onde se segue que todas, ou quasi todas as guardias dos navios do commercio, que por estas paragens andam, tem mais de dous terços de malaios, e navios ha em que a guarnição toda, exceptuando officiaes, é de chinas e malaios.

Assim os marinheiros europeos preferidos pelos malaios, e não tendo modo de vida, vêm com seus olhos os seus competidores, e d'aqui resultou na segunda-feira (12) que alguns d'estes marinheiros inglezes embriagados foram a uma taberna frequentada por malaios, e provocaram alli uma desordem de que resultou morrerem logo a facadas tres marinheiros ingleses; faltando armas aos amotinados, empregaram a pedra, e travou-se uma luta encarniçada, acompanhada de confusão e gritaria, não apparecendo senão poucos policiaes. Alguns soldados do regimento n.º 99 que passavam, tentaram pôr fim á desordem, mas alem de nada conseguirem um d'elles foi morto pelos malaios. N'esta noite a desor-

dem ficou aqui, com algumas prizões, mortes e ferimentos. Na terça feira o conflicto foi mais serio e revestido de circumstancias que poderiam ter um resultado bastante fatal. Pelas sete horas da tarde um grupo de talvez duzentos soldados do 99, seguido por igual numero de marinheiros europeos, estes armados de facas e páus, aquelles com as suas bayonetas, clamando por vingança, se dirigiu para a taberna dos malaios e indios da policia, que é quasi composta de *lascars*; e exerceram a sua primeira represalia matando um pobre policia indio, que estava no seu posto e que não pensava no ataque, sendo, como dizem, barbaramente assassinado. Um piquete do 99 foi mandado ao theatro da guerra, e apoz este uma força da policia, que ficou na recatadura do do 99, e a pouca distancia. Já os peledadores se dispersavam quando se disparou um tiro da força de policia, que veio matar um soldado do piquete 99, o que estes souberam só quando o seu camarada ia para o hospital. N'esta noite custou assim muito a conter os soldados que á força queriam sair do quartel para novamente se vingarem dos negros, como elles diziam, tendo contido n'esta mesma noite perpetrado não poucos crimes, entrando em suas casas, e lançando-lhes pelas janellas fora o que elles possuam, e uma testemunha diz que antes de lançarem as caixas á rua lhes tiravam o que n'ellas havia de melhor.

Na quarta-feira toinaram as autoridades militares melhores providencias, para evitar as scenas da vespera. O regimento não sahiu do quartel, o que conseguiram até certo ponto, evitando que os soldados forçassem as portas, mas não evitaram porem que um numero d'elles consideravel se escapasse pelas janellas indo por terceira vez levar o terror á cidade, cometendo atrocidades como no dia anterior.

No dia 15 o regimento foi para *Kow-loon*, defronte da ilha de Hongkong, e esta resolução e novas medidas policiaes postas em plano, fizeram terminar o conflicto que por tres noites aterrrou os habitantes de Hongkong.

Narrámos o facto sem commentarios, porque elle é d'aquelles que por si mesmo se recomenda; e lamentámos sinceramente um acontecimento tão notavel que pode deixar um precedente para identicos e fataes conflictos.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

(Correspondencia particular do *Tai-ssi-yang-kuo*.)

PARIS, 10 de agosto de 1864.

SR. REDACTOR.

Desajava que durante certos mezes, seguindo-se n'isto um antigo e bom costume, se proclamassem para os escriptores as *treguas de Deus*.

Durante esse tempo o jornalista poderia á sua vontade apresentar ou não o seu jornal, fallar só quando lhe conviesse, e escrever apenas em occasiões importantes. Se esta medida se adoptasse de certo que ella portaria cuidados ao escriptor e aborrecimentos ao leitor.

Apresento esta ideia para que sobre ella se medite, e espero que passe a costume extracretorial hoje em proveito do vosso acreditado jornal, sr. redactor, o meu resumido apontamento de noticias.

O armisticio entre os dinamarquezes e austro-prussianos, que devia expirar no 1.º de agosto, foi prolongado, a fim de permitir que as hostilidades não recommencem antes da assignatura definitiva do tratado de paz. Este tratado existe já em termos geraes e estipula em proveito das duas grandes potencias allemãs o abandono de Lauenburg, de Schleswig, das possessões Jutelandezas e do Holstein, devendo os duceados pagar as despesas da guerra, que não ha muitos dias a Prussia queria que fossem satisfeitas pela Dinamarca.

Da Dieta germanica nem uma palavra. Circulo o boato de que a Austria tinha pedido que se fizesse entrar no tratado uma clausula de interdição ás duas grandes potencias allemãs de guardarem para si os duceados cedidos pela Dinamarca. Este boato, sr. redactor, não vos surprenderá se vos lembardes que desde o principio da guerra o gabinete de Viena mais parece armar-se do que caminhar atraz do gabinete de Berlin. O Sr. de Rechberg não desgotaria de lancar este embargo entre as rodas do carro triumphal do sr. de Bismarck, seu amigo. Com effeito, se o sr. de Bismarck recusasse acceder a esta clausula denunciaria projectos annexionistas. *Hecubaus confitentium remus*, como se diz na escola. Inmediatamente os estados secundários se ligariam contra elle, e a França e a Inglaterra mostrar-lhe-iam os dentes. Se pelo contrario accedesse, peor lhe viria ainda. Os prussos, tão soberbos da sua gloria militar, não queriam que em troca do muito sangue derramado por elles nas planicies da Dinamarca, nenhuma vantagem se desse á sua patria.

Esta combinação preoccupou os estadistas allemãs, mas a publicação official dos preliminares do tratado de paz, prova de um modo irrefutavel que o sr. de Bismarck teve a habilidade de reservar a questão. Juiz-se hoje até que o gabinete de Viena consentiu que o Lauenburg seja annexado á Prussia.

Em Copenhague os dinamarquezes parecem menos resignados do que o soberano com a sorte da guerra. No 1.º de agosto o parlamento approvou uma proposta que significa em substancia um novo voto de censura ao governo no seu procedimento nos ultimos acontecimentos.

O rei Christiano, que receia mais que tudo perder a coroa, concentra grande numero de tropas em Copenhague, a fim de conservar no dever a porção de seus subditos que poderia ter desejos de se "despedir e de annexar o que resta da Dinamarca á Suecia, e á Noruega.

Paroce até que não se fiando em suas proprias forças, esse monarcha obstinado no poder, sollicitem dos soberanos do norte, por occasião da entrevista de Kissingen, a pro-

messas de um protesto contra qualquer movimento revolucionario da parte dos dinamarquezes. Esta promessa dizem que a obtive.

Ahi vai agora, sr. redactor, a unica noticia politica de serio interesse. Dia a sabedoria das nações que quando não ha bolos se come pão: comãos pois este pão duro. O imperador voltou de Vichy e reside actualmente em St. Cloud, onde costuma passar as festas nacionais de 15 de agosto. Diz-se que Napoleão III traz a cabeça cheia de projectos de reformas interiores, reformas financeiras, reformas liberarias, diminuição do effectivo do exercito, supressão do sêlo para os jornaes, &c. &c. Esperando pela realisação muito problematica d'estas esperanças, diremos duas palavras sobre a carta datada de Vichy e dirigida ao marechal Vaillant. Não se tratam n'esta carta grandes combinações politicas, e depois de a lêr ninguém se tranquillisa nem sobre a sorte da Dinamarca, nem sobre a questão Romana, nem sobre alguma das trinta ou quarenta questões pelas quaes se reparte a curiosidade publica e que ameaçam a paz europea.

Nada d'isto; o soberano negligencia o que os fisiogeicos chamam grandes cousas para só tratar de pequenas cousas. Trata-se muito simplesmente de proibir ao sr. Haussmann o direito de Sura, de continuar muito assiduamente com a continuação da nova opera, e de reconstruir-lhe no mesmo tempo que destine essa actividade aos trabalhos do novo *Hôtel Dieu*.

Esta carta ditada por um bom sentimento que antepõe ao recinto do prazer o recinto da dor, tem por fim agradar com preferencia ás classes populares. O sr. Haussmann parece que tinha supplicado ao imperador que se cessasse esta carta para assim se justificar aos olhos do publico pela interrupção dos trabalhos da opera, cujo acabamento e escassez do dinheiro embaraça.—En sei de facto certa que todos os grandes trabalhos de expropriação começados ha alguns mezes, foram interrompidos e que muitos empresarios não puderam ainda receber sommas importantes que lhes são devidas ha longo tempo. Os proprios empregados tem soffrido atrazo no pagamento de seus ordenados. Não succede com o organico da cidade de Paris, como com o do antão de Schaffhuse, na Suissa, onde os magistros declararam que este anno não se cobriariam tributos porque o excedente do cofre bastava para as despesas. Em Paris o sr. Haussmann, que diz pouco sem contar, separou esta carta dos cofres e está embaraçado com a sorte das contribuições da cidade de Paris. A carta do imperador proibir-lhe-ha recolher um novo emprestimo, em nome da cidade de Paris, e os contribuintes não verão em tudo isto senão fogo. E costume que tomaram de ha muito.

O imperador mostrou-se, dizem, muito attencioso para com o rei Leopoldo, que tem tomado os seus banhos na maior tranquillidade de espirito, sem parecer informado de que a Belgica atravessa n'este momento uma violenta crise eleitoral. No dia 11 de agosto, quer dizer amanhã, os electores tem de renovar intiramente a camera dos deputados, dissolvida pelo decreto do mez passado. Os electricos e os liberarios empregam todas as suas forças n'esta luta suavel, cuja importancia é consideravel, pois que deverá terminar um antagonismo que ameaçava causar grandes prejuizos á vida parlamentar e constitucional deste pequeno paiz,—grande pela liberdade que disfruta.

Grande paz, com effeito, onde na vespera do seu voto, os electores tem o direito de se reunirem e de se comburem! A França inveja esta felicidade no momento em que dez deputados e onze advogados comparecem na policia correctional por terem committido o abuso de se reunirem com o fim de concertarem o seu voto por occasião das ultimas eleições. Foi no dia 5 de agosto que principiou o processo dos *trez*, e no sabado o tribunal, no fim de uma deliberação de quatro horas publicou a sentença que condemna os sr. Garnier-Pagès, Carnot, e os 11 advogados, cada um e solidariamente, em 500 fr. de multa e nas custas. Uma facto grega que se evidencia no processo é que se penetrou no domicilio dos accusados, que lhes foram tiradas as correspondencias mais intimas e que n'uma palavra a justiça exerceu um direito de que só faz uso quando a sociedade está em perigo. A defesa de Jules Favre em favor de Garnier-Pagès foi admiravel, e tanto que o defensor Berrier fez ao tribunal a communicação seguinte em nome de toda a defesa: "Nos somos de opinião que nada se deve ajuntar á ellequente demonstração de tão nobres sentimentos, que acaba de ser feita." O nosso grande orador Jules Favre foi pois alem de tudo quanto se poderia imaginar, e tal foi a impressão produzida por este magnifico defensor que todos julgaram a pronuncia fulminada, e que o sr. Berrier exclamou: "educado no respeito da magistratura, renuncio a prolongar a defesa, convencido de que, depois de semelhantes palavras e da demonstração de factos verdadeiros, não existe um juiz em França com direito de pronunciar uma sentença". O julgamento provou contudo que o sr. Berrier se tinha illudido sobre o resultado, mas a França ouviu e é-lhe permitido esperar que ella consagrará o direito tão eloquentemente defendido por J. Favre.

Não podemos contendo lamentar-nos muito porque existem paizes a que uma peloz sorte afflize. Quero fallar do duceado de Mecklenburg em pleia Alieudania.

É neste paiz que uma lei recente authorisa os Senhores a punir certos delictos a pau. O *National Verein* jornal da associação deste nome, dá-nos a proposito do direito dos Senhores os seguintes esclarecimentos curiosos. Os obreiros tem necessidade para se casarem de uma licença que dependem absolutamente do capricho do Senhor do dominio em que habita. Só lhes resta pois, em geral, um dilemma a seguir, que é ou ficarem celibatarios, ou tomarem a mulher que o proprietario lhes dá. É certo que o direito do Senhor é exercido aliada de facto no Mecklenburg. Ora como a maior parte dos inspectores que são velhos e cazados, foram substituidos por mancebos celibatarios que procuram imitar os Senhores, a desordem augmenta de dia para dia e resultão as consequencias mais funestas para a moralidade do paiz. E eis ahi o regimen que o sr. de Bismarck e os seus amigos feudaes prussianos queriam ver estender-se por toda a Alemanha? e eis tambem onde se pode chegar n'um paiz onde a liberdade de renuncio não existe! A proposito disso é curioso confrontar com o sr. Napoleão III edição de 1856, pag. 63, citada no artigo Favre. "Não devemos nós effectivamente corar de Bergonia, ex-clama o imperador dos Franceses, então presoireiro em "Ham, do que nós, povo livre, ou que pelo menos assim nos julgamos pois que fazemos repetidas revoluções para o ser, —não devemos envergonhar-nos, dizemos, quando pensamos que até a Irlanda, e degraçada Irlanda, disfruta em

tendiendolo dentro de sus murallas, así es que el señor D. Eusebio se trasladó al hotel Aspinwall, sin que nadie hubiera fijado su atención en él. Después que todos los pasajeros estuvieron en tierra, poco a poco fué escuchando la noticia de su llegada, y todo el mundo fué sintiendo el deseo de conocer al eminente compatriota de D. Quijote que actualmente llama la atención del mundo de Colon. Este deseo se convirtió bien pronto en una necesidad, y necesidad de tal urgencia, que a las diez de la noche la tranquila y silenciosa ciudad de Panamá se hallaba convulsa en un volcán. El pueblo entero parecía que se había dado cita para la calle de la Merced, y en seguida cerca de mil personas se dirigieron al hotel de Aspinwall provistos de un sin número de cajas de lata vacías, cajones, pítos, cornetas, cajas, cuernos &c. &c. con el objeto de dar al célebre diplomático una bienvenida. El ruido y la batahola era infernal. El dueño del hotel manifestó al pueblo que Mazarredo se hallaba en casa del Consul francés, y entonces la concurrencia se dirigió á donde se le había indicado, y bien pronto á los gritos de "viva Mazarredo," "vivan los ladrones de huesos," "viva la tregua de 40 años," "viva la reivindicación," "viva el consul de Almonte," y otros por el estilo, llenaron los aires y á cada uno de esos vivas el pueblo contestaba haciendo sonar ad libitum los instrumentos de que cada cual se hallaba provisto, metiendo un ruido tan atroz y una algarabía tan horrible, que no es posible hacer una relación que se le acerque. El Consul francés teniendo que el pueblo invadiera su domicilio para sacar á Mazarredo, mandó izar la bandera de su nación á pesar de ser las once de la noche. Al ver el pabellon frances izado para cobijar á Mazarredo, el pueblo panameño salió de su tino, porque veía en eso una provocacion. Los panameños no se habían metido para nada con el Consul francés; habían ido á su casa porque allí se hallaba Mazarredo, así como hubieran ido á la iglesia si Mazarredo se hubiese escondido debajo del altar mayor, y el Consul francés al mandar izar su pabellon quiso hacer un desafío á los hijos del Istmo, y estos reconociendo el guante gritaban "abajo el pabellon frances," "abajo Napoleon," "abajo Isabel II."

Poco después algunos de los mas previsores, trataron de calmar al pueblo que se hallaba alborotado y lograron separarlo de la casa del Consul, frente á cuya puerta arrojaron antes de retirarse todos los instrumentos de que se habían servido, dejando así la calle casi intrasmaltable. Poco después los panameños queriendo hacer ver bien claro el contraste de la manifestacion que habían hecho, con sus simpatías por el Perú, volvieron con una magnífica banda de música á dar una serenata al Consul peruano, y á la voz de viva Colombia, viva el Perú y viva la Union Americana, la banda tocó piezas escogidas. El señor Carrillo salió á su balcón á dar las gracias por la manifestacion de que era objeto el Perú, y el pueblo le pidió que izara el pabellon peruano, que al momento de ser izado se le saludó con innumerables vivas á la Libertad, á la Independencia, á Ayacucho &c. Después de haber permanecido por mas de una hora frente á la casa del Consul peruano, la comitiva siguió á las casas de los Consules de Estados Unidos, Méjico y Chile, cuyos pabellones fueron también saludados con vivas á la Union Americana &c.

Mientras esto sucedía, cuentan las crónicas que Mazarredo tenía un miedo atroz, niudo que no podía ser disipado ni por la fanfarfona confianza del consul francés, y llegó á tal punto el pánico del señor Comisario regio, que se resolvió que se trasladaría á Colon á las 3 de la mañana en un carrido de mano. Temeroso pues que el Sr. Comisario de S. M. C. para evadirse del furor del pueblo istmeño tuvo que fugar clandestinamente. Parece que el Sr. Mazarredo tiene mucho amor á su pellejo, ya se vé, no está en visperas de casarse, lo que no ha efectuado por que antes quería poner á los pies de su Dulcinea dos cosas que él creyó de fácil cocecha en América: gloria y caudal. Parece que D. Eusebio no se imaginó nunca encontrar por acá á un Ribeyro, ni que los peruanos se opossieran tan tenazmente á que se los arrebatara su huuco.

Al siguiente día 21, desde las ocho de la mañana la multitud empezó á llenar las cercanías del tren, con ánimo segun se asegura de impedir que Mazarredo se trasladase á Colon. Se ignoraba que el Sr. Dn. Eusebio se había puesto á salvo desde las 5 de la mañana. Cuando el pueblo se apercebó de ello, rugió de cólera, y algunos de los mas resolutos se dirigieron á Colon con ánimo de impedir su embarque en aquel puerto, pero el Sr. Comisario que á todo trance quería salvar el bullo, no se demoró ni un solo instante en esa poblacion, sino que en el acto se embarcó en el Vapor que debía salir para Southampton.

El día 23 desde las 2 de la tarde circuló en esta ciudad una hoja suelta invitando á todos los colombianos á una sesión que debía tener lugar en la casa del Cabildo, con el objeto de hacer una manifestacion á favor del Perú. En efecto á las 8 de la noche la casa municipal se hallaba repleta, y después de hermosos y patrióticos discursos pronunciados por algunos de los jóvenes mas distinguidos del país, se firmó la protesta que por separado remitimos á Ud's. Como á las 10 de la noche salió la concurrencia del cabildo acompañada de una magnífica banda militar, lle-

vando las banderas de Colombia y el Perú en una misma asta, y cuyas puntas eran conducidas por los jóvenes, y se encaminó á casa del consul peruano, que les invitó á subir. Uno de los oradores mas acreditados del país se dirigió al Sr. Carrillo á nombre del pueblo istmeño en un patriótico discurso, y entre otras cosas escuchamos lo que sigue: "decid al pueblo peruano que su hora de prueba ha llegado; pero que no tema, que Colombia desmenuará la espada de Ayacucho, y colocándose á su lado, juntos cosecharán nuevos laureles, ó la América se hundirá en los caos." Palabras que arrancaron numerosos aplausos á la entusiasta concurrencia. Después que el pueblo salió de casa del Consul peruano, los Consules de las demas Repúblicas americanas fueron objeto de iguales demostraciones. El Consul francés ha pasado una nota terrible al Presidente del Estado haciéndole responsable de la actitud que ha tomado el pueblo panameño; actitud que traerá "graves consecuencias" segun dice.

Esas consecuencias no nos son desconocidas. Francia es la instigadora de España en la cuestion peruana; las dos pretenden dominar la América; pues bien que se quite Napoleón III el antiña; que tenga siquiera la virtud de la franqueza. La América unida luchará contra esas dos potencias, que serán árbitras de la suerte del continente, cuando no haya un solo brazo republicano que pueda manejar la lanza.

Srs. REDACTORES DO Ta-ssi-yang-kuo.
Mucho me admira que n'uma terra tão pequena como esta estejam V. V. tão mal informados do que durante o anno lectivo se passou na escola de Pilotagem, de que falla o seu jornal, no No. de 15 do corrente.
Quando no anno passado se abriu a dita escola, muitos, como eu, o mesmo Professor, e talvez V. V., esperavam que houvesse uma matricula numerosa; no que todos nos enganamos, pois só dez appareceram, se não me engano. Alguem por lá disse, que se não matriculassem mais alumnos do Seminario; porque os Padres os impediram! Para desmentir essa miseria, instei com alguns dos alumnos para se matricularem na dita escola, e mesmo fallei alguns dos Pais (no que jamais caberei). Porem todos os que se resolveram, eram muy jovens, e estudavão ainda Portuguez, tendo entrado alguns no Seminario, havia poucos mezoz ou semannas; o que deu em resultado vir-se a conhecer que o continuar a frequencia, era perder o tempo, alias tão necessario para a lingua portuguez. Os mesmos alumnos estarão d'algum modo constrangidos, do sorte que seos mesmos Pais desejassem se retrahessem da matricula, no que o mesmo Professor convio, e de facto sahiram sete, contando entre estes um que tinha habilitações para continuar; mas que tambem quiz sahir, que era o Sr. Ignacio Marques. Continuarão a frequer a 9 internos até ao fim do anno, dos quaes tres fizeram exame; um não foi admettido por ter mais faltas do que marcamos os Estatutos da escola, faltas que elle podia justificar por serem de doença, mais do que não cuidou, por não queter seguir a carreira maritima; dois não fizeram exame por estarem doentes no tempo em que estes tiveram lugar; e todos os mais porque não querendo continuar, digo, frequer a 2o, anno, para o que serve de habilitação o exame, não se quizeram dar a esse trabalho. Porem os dois enfermos e um outro estão resolvidos a pedir licença para fazerem exame em Outubro. De sorte que ficam só dois sem o fazer, sendo um destes, o Sr. Leoncio Ferreira, alias estudante distincto, como reconhece o Sr. Professor.

Se algum quizer ter a prova dos que fica dito podem-se lhe mostrar as notas da frequencia, durante o anno, as quaes tenho presentes, e que pelo respectivo Professor foram remetidas a S. Ex.a o Sr. Governador. Além do que, o grande desejo, que o Professor tinha de se apresentarem todos a exame, é uma prova não menos valiosa de que seriam approvados, como o foram os 3 que se apresentaram, a quem os outros não erão inferiores. O que se pode legitimamente concluir de não quererem os alumnos fazer exame, é que não queren seguir a carreira de nautica, e nada mais.

Em quanto aos alumnos externos estão persuadido que deviam entender melhor a materia do ensino, do que os pobres jovens que a principio me vi obrigado a apresentar, não só por serem homens feitos; mas tambem por terem alguns delles estudado já essas materias; e se alguns não poderam ser admettidos a exame, deve ser attribuido a frequerarem sem compendio, e não a outra qualquer causa.

Antes de dirigir estas linhas a V. V. as apresentei ao respectivo Professor, que me disse ser esta toda a verdade, e não duvido que V. V. agora tambem assim o acreditem. Passemos pois a outra materia.

Dizem V. V. estarem informados, que o motivo de os alumnos internos do Seminario estarem atrasados, é por se occuparem una grande parte do tempo em rezar. Em quanto a isto não lhes digo nada. Envio o horario do Seminario, em que seguida a esta, farão o obsequio de publicar. Por elle verá V. V. que as occupações religiosas do dia não excedem a huma hora, entrando a Missa, havendo huma pequena aliteração no mez de Maio em que se ajunta á Missa a Ladinia e alguns versos; e em no-

corno do Officio de Nossa Senhora nos Domingos, e dias Festivos, o que não pode impedir os alumnos de estudar por ser rezado no tempo da recreação cada uma das Camaratas tem uma copia deste horario, que pode vér, e observar quem quizer.

E peço desculpa ao Publico: lhe parecer que n'um Seminario sejam tão limitadas as practicas religiosas, o que é unicamente devido a serem muy jovens os alumnos, e a ser este Seminario mais um Collegio de educação do que outra cousa.

Sou De V. etc.
Pr. MANOEL LOURENÇO DE GOUVEA.
Macão 17 de Setembro de 1864.

HORARIO.

Dias de guarda.	
Levantar e limpeza 5 1/2	Leitura Espiritual 4 1/2
Reza e Meditação 5 1/2	Terço 4 1/2
Estudo 6	Passado 5 1/2
Missa 6 1/2	Estudo 5 1/2
Estado e recreação 8	Catecismo 7 1/2
Refeição e recreação 9 1/2	Cba e recreação 8 1/2
Estudo 11	Reza e exame 8 1/2
Jantar e recreação 3	Deitar 9

Dias d'Aula.	
Levantar e limpeza 5 1/2	Jantar e recreação 3
Reza e Meditação 5 1/2	Estudo 4 1/2
Estudo 6	Recreação 5 1/2
Missa 6 1/2	Estudo 5 1/2
Almoço e recreação 8	Terço 8
Estudo 9	Cba e recreação 8 1/2
Aula 9 1/2	Reza e exame 8 1/2
Refeição e recreação 12	Deitar 9
Aula 12 1/2	

Dias feriados.

Levantar e limpeza 6	Estudo 4 1/2
Reza e Meditação 6 1/2	Passado 5 1/2
Estudo 6 1/2	Estudo 5 1/2
Missa 7 1/2	Leitura Espiritual 7 1/2
Almoço e recreação 8	Terço 8
Estudo e liçãoes artes 9 1/2	Cba e recreação 8 1/2
Refeição e recreação 12	Reza e exame 8 1/2
Estudo 1	Deitar 9
Jantar e recreação 3	

N.B.—A reza e meditação é em como a reza e exame de que acima se falla não chegam a gastar dez minutos. O Terço tambem ordinariamente não passa delles.

ESTADO DO MERCADO.

CAPELLA.—Toda a que havia po mercado vendeu-se a \$15.25. Ha compradores, e como faltam com este artigo as sommas de oeste, ha probabilidade para que o preço se eleve.
OLIO DE CAPELLA.—Ha 40 picos, que offerecem e \$212.50 e 213.
OLIO DE ANIL.—Venderam-se 20 picos e \$152.50 e 155. Existem 20 picos e pedem a \$155.
ESTRELLA DE ANIL.—Ha 500 picos. Venderam-se 100 picos e \$28.50 de qualidade inferior. Vale hoje \$19.
ARTIGOS DOS ESTREITOS.—Não temido compradores.
ARBOL.—Preços firmes, que é natural se conservarem, apesar de não terem havido vendas. Os preços actuaes são: Bengala \$2.75 e 2.80; Manilla \$2.20 e 2.40; Siam \$2.30 e 2.60 e Saigon \$2.20 e 2.50.

MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 15 a 22 de Setembro.

ENTRADAS.	
Setbro. 17.—Vapor inglez <i>Maggie Lander</i> —Capitão, Hedgeron—68 toneladas—da costa do oeste, em lastro.	
" 10.—Galera belga <i>Leopold Octave</i> —Capitão, A. J. Nicaise—832 toneladas de Hongkong, em lastro.	
" 10.—Galera ingleza <i>Calabar</i> —Capitão, J. A. Thompson—672 toneladas de Hongkong, em lastro.	
SAHIDAS.	
Setbro. 15.—Barca alemburgueza <i>Ammerland</i> —Capitão, J. Hageman—840 toneladas—para Bangkok, em lastro.	
" 16.—Brigue hamburguez <i>J. H. Hervey</i> —Capitão, A. Nielsen—187 toneladas—para Hongkong, em lastro.	
" 19.—Vapor inglez <i>Maggie Lander</i> —Capitão, Hedgeron—68 toneladas—para Hongkong, em lastro.	

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 22 DE SETEMBRO.

ENTRADA	APARELHO	SAÇÃO	NOME	CAPITÃO	TON.	PROCEDENCIA	CONSIGNATARIO	ANCORADORO	DISTINO	OBSERVAÇÕES
Junho 25	Barca	Portugueza	Tremelga	G. Marques	371	Singapura	L. Marques	Rio		Arrenda
Junho 9	Barca	Portugueza	Sun-I	M. de S. Victal	246	Pinang	B. A. Pereira	Rio		Arrenda
" 18	Brigue	Portuguez	Concordia	J. F. Gril	226	Singapura	E. L. Lança	Rio		Arrendo
" 21	Brigue	Portuguez	Camilla	A. J. Favacho	204	Pinang e Sin. ⁷³	B. A. Pereira	Rio		Arrendo
" 26	Barca	Portugueza	S. Francisco X. ⁷⁷	J. L. da Silva	286	GóneSingapura	V. de P. P. & Ca.	Rio		Arrendo
Julho 19	Barca	Portugueza	Portugal	J. de Jesus	540	Pinang	M. A. dos Remedios	Rio		Arrendo
Agosto 24	Galera	Portugueza	D. Maria Pia	F. Botelho	774	Arribada	M. A. da Ponte	Rio	Saigon	Reparando as avarias
Setbro. 1	Galera	Franceza	Prophete	J. Meny	884	Hongkong	E. L. Lança	Rio		Referendado
" 1	Barca	Portugueza	Flora	V. A. Remedios	261	Saigon	Raynal & Ca.	Rio		Arrenda
" 4	Barca	Ingleza	Cesar	A. Schuck	306	Bassell	A. A. do Mello & Ca.	Rio		Arrenda
" 4	Barca	Portugueza	S. Vi. ⁷⁸ de Paula	E. P. da Silva	423	Castiào de Lima	V. de P. P. & Ca.	Rio		Arrenda
" 5	Barca	Hamburgueza	Susanne	M. Bissuro	216	Hongkong	Siemssen & Ca.	Rio		Arrenda
" 8	Barca	Hespanhola	Santo Andres	L. Bassurto	216	Hongkong	B. E. Carneiro	Rada	Manilla	Arrenda
" 10	Barca	Franceza	Medeo	Duciel	682	Hongkong	Solares	Rada	Havana	Com passageiros chinas
" 10	Brigue	Hollandez	Rachel	J. S. Mulder	270	Arribada	J. van der Hoeven	Rio	Batavia	Reparando as avarias
" 11	Barca	Ingleza	Constance	W. R. Willis	349	Hongkong	B. E. Carneiro	Rada		Arrenda
" 19	Barca	Belga	Leopold Gateaux	A. J. Nicaise	885	Hongkong	Geronimo Sagues	Rada	Havana	Com passageiros chinas
" 19	Galera	Ingleza	Calabar	G. A. Thompton	672	Hongkong	Siemssen & Ca.	Rio		Arrenda

Editor responsável.—J. DA SILVA.—Impresso na typographia de J. DA SILVA, Travessa do Governador, No. 2.